

Banco do Brasil apresenta



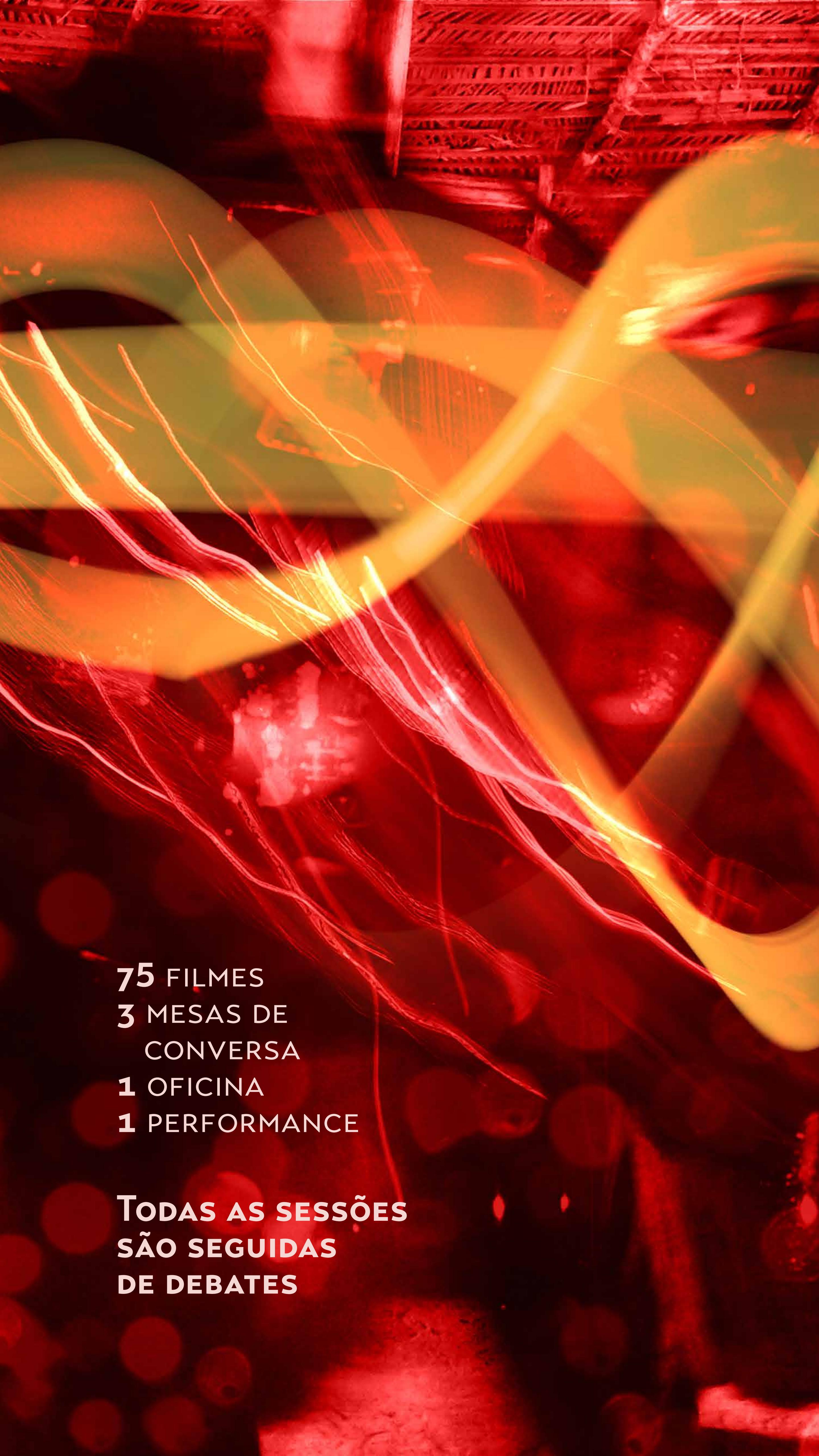
10º DOBRA 03 A 07
Festival Int'l DEZ
de Cinema 2025
Experimental CCBB RJ
CINEMA I

Banco do Brasil apresenta o projeto *Dobra – Festival Internacional de Cinema Experimental*, que em 2025 celebra uma década de apoio à cena experimental com edição integralmente dedicada ao cinema nacional.

Neste ano, à curadoria de Cristiana Miranda e Lucas Murari se soma um grupo de mais oito curadores, convidados a criarem programas que traçam um panorama do cinema experimental brasileiro, unindo mais de 70 curtas-metragens de diferentes gerações. Além dos filmes, o DOBRA realiza oficina, performance e mesas de conversa, além de debates ao final de cada sessão.

Ao realizar este projeto, o **Centro Cultural Banco do Brasil** reforça seu apoio à produção cinematográfica independente do Brasil, incentiva a formação de plateias e amplia a conexão do brasileiro com as mais diversas formas de arte.

Centro Cultural Banco do Brasil



75 FILMES
3 MESAS DE
CONVERSA
1 OFICINA
1 PERFORMANCE

TODAS AS SESSÕES
SÃO SEGUIDAS
DE DEBATES

03/12 | QUARTA-FEIRA

18h_ PROGRAMA *Grandes pedras que olham o mar: o Rio de Janeiro como um território ampliado de invenção*

Copacabana Beach | 10'14" | Digital | L

Ângela Noite | 11' | Digital | L

Erosão — 5'27" | Digital | L

SuperRio Superfícções | 9'04" | Digital | L

Kopacabana | 13'33" | Digital | 14 anos

Ameno | 14'14" | Digital | L

Onde você está, Teresa Villaverde?

17' | Digital | L

MESA DE ABERTURA

com Hernani Heffner, Cristiana Miranda
e Lucas Murari

04/12 | QUINTA-FEIRA

15h30_ PROGRAMA *Animar o Mundo*
(sessão acessibilidade)

Animando | 12'59" | Digital | L

Planeta Terra | 8' | Digital | L

Noturno | 3'52" | Digital | L

Instinto Animal | 6'30" | Digital | L

Estrela de Oito Pontas | 5'28" | Digital | L

17h_ PROGRAMA *Entre a película e o pixel, o corpo insiste*

O Átomo Brincalhão | 3' | Digital | L

A Situação | 9' | Digital | L

Garoto transcodificado a partir de fosfeno | 2'06" | Digital | L

Cuando tengo comida em mis manos

7'12" | Digital | L

Pátio | 11' | Digital | L

Marca Registrada | 10'33' | Digital | L

Trovoada | 17' | Digital | L

Toques | 06'51" | Digital | 14 anos

Céu sobre Água | 22' | Digital | 14 anos

19h_ PROGRAMA *Pele, inscrita – filmes brasileiros contemporâneos processados à mão*

Wild Flower | 5' | 16mm | L

Corpo de Água/Fluxo Confinado | 14' | 16mm | L

Considere | 3' | 16mm | L

Lembrarei de Lucy | 3' | 16mm | L

Traços sobre a noite | 8' | 16mm | L

Bleach Farm | 3' | 16mm | L

Typefilm an Armory Show | 4' | 16mm | L

Walden Street | 3' | 16mm | L

Sem título (três luas) | 10' | 16mm | L

05/12 – SEXTA-FEIRA

10h_ OFICINA *Filme sem filme,
com Tetsuya Maruyama*

17h_ PROGRAMA *Depois dos vaga-lumes:
o pensamento ecológico em quatro filmes
brasileiros contemporâneos*

**Do Caldeirão Da Santa Cruz
do Deserto** | 11' | Digital | L

Cemitério Verde | 24' | Digital | L

Naquele tempo todos eram gente
26' | Digital | L

Memby | 17' | Digital | L

19h_ PROGRAMA *Encruzilhadas
das Águas, caminhos para os cinemas
negros brasileiros*

Alma no Olho | 13' | Digital | 10 anos

**Noirblue – Deslocamentos
de Uma Dança** | 27' | Digital | L

Se o mar tivesse varandas | 9' | Digital | L

Mal di Mare | 15' | Digital | 12 anos

Mar de dentro | 8' | Digital | L

Náufraga | 4'22" | Digital | 14 anos

Blackness = Time ÷ Media = ∞ | 6' | Digital | L

06/12 | SÁBADO

10h_ OFICINA *Filme sem filme, com Tetsuya Maruyama*

14h_ MESA DE CONVERSA

15h45_ PROGRAMA *Quando o mar – cinema e poesia*

Ultra-Kinema-Rino | 5' | Digital | L

Carta à Flora (ou filme azul) | 6'14" | Digital | L

Suite belle-île, Pranayama | 1'43" | Digital | L

Suite belle-île, Nuca | 6' | Digital | L

Arpoador | 20' | Digital | L

Oda a Max | 2'44" | Digital | L

SEM TÍTULO #2 LA MER LARME | 31'37" | Digital | L

17h30_ PROGRAMA *Cinema experimental de reapropriação de arquivo no Brasil*

[Sem Título] | 0'30" | Digital | L

Poema | 2' | Digital | L

You Don't Know Me | 1'48" | Digital | L

A Miss e O Dinossauro: Bastidores

da Belair | 18' | Digital | L

Mar de Fogo | 8'30" | Digital | L

Complemento Nacional | 12' | Digital | L

Circuladô | 5'12" | Digital | L

Ano Passado em Marinmaraaisbad

4'22' | Digital | L

Mítia | 18' | Digital | L

Ideograma | 9'49" | Digital | L

Já Visto Jamais Visto (Trailer) | 2' | Digital | L

19h30_ PERFORMANCE

Os passos semeiam o caminho, com Cristiana Miranda e Igorland

07/12 | DOMINGO

14h30_ PROGRAMA *Ancestralidade, Memória e Imaginário Coletivo no Cinema de Mulheres Brasileiras*

Cidadão Jatobá | 14' | 35mm | L

A Mão do Povo | 11' | 35mm | L

Memória Goitacá | 20' | Digital | L

Quebrante | 23' | Digital | L

Yaõkwa – Imagem e Memória

20' | Digital | L

Aguyjevete, avaxi'i | 21' | Digital | L

16h30_ PROGRAMA *Assumir-se viado, lésbica, trans e deriva no cinema brasileiro*

Baltazar da Lomba | 19'21" | 16 anos

Prelúdio de Uma Morte Anunciada | 5' | L

Madame Bayeux: outra paixão

nacional 13'28" | 18 anos

O Banho | 5' | 14 anos

Eu quero um boy | 3'30" | L

Sair do Armário | 4' | L

Bicha Bomba | 8' | 16 anos

Amizades Particulares | 3'20" | 14 anos

O nascimento de Urana remix | 21'17" | L

18h30_ MESA DE ENCERRAMENTO

com Cristiana Miranda e Lucas Murari



SINOPSES

GRANDES PEDRAS QUE OLHAM O MAR: O RIO DE JANEIRO COMO UM TERRITÓRIO AMPLIADO DE INVENÇÃO

CURADORIA CRISTIANA MIRANDA E LUCAS MURARI

COPACABANA BEACH (1983),

de Vivian Ostrovsky

Um olhar bem humorado sobre o que acontece todas as manhãs nas calçadas onduladas da praia de Copacabana. Malhação no estilo brasileiro, com uma pitada de futebol e rastros de Carmen Miranda.

ÂNGELA NOITE (1981), de Roberto Moura

No fim do dia, artistas de circo e de variedades se reúnem na Praça Tiradentes, enquanto a noite traz travestis e veados que transformam o local em um território livre e efêmero. Entre eles, Ângela se destaca.

EROSÃO (2014), de Victor Galvão

Em uma sequência de fotografias em 35mm, realizadas na região portuária do Rio de Janeiro em 2014, Erosão é a narrativa ficcional de uma personagem anônima que atravessa uma paisagem decadente.

SUPERRIO SUPERFICÇÕES (2016),

de Guerreiro do Divino Amor

SuperRio é o gêmeo superficcional do Rio de janeiro; um ecossistema de superfícções que interferem na construção da cidade e do imaginário coletivo.

KOPACABANA (2019), de Marcos Bonisson

e Khalil Charif

Filme ambientado no bairro de Copacabana, elaborado através de uma colagem de imagens atuais e de arquivo (Super 8 e Digital), narrado pelo poeta Fausto Fawcett, e sonorizado pelo músico Arnaldo Brandão.

AMENO (2020), de BaixadaCine

Contemplando a paisagem, percebemos as semelhanças, o cotidiano, e as mudanças da cidade. Uma visão crítica, contemplativa e afetiva desta que conhecemos como Belford Roxo, mas para alguns, a "Cidade do Amor".

ONDE VOCÊ ESTÁ, TERESA VILLAVERDE?

(2019), de Teresa Villaverde

No Rio de Janeiro, os habitantes do bairro da Mangueira seguem a transmissão de televisão onde os jurados vão atribuindo os votos a cada escola de samba. O filme testemunha a tensão na espera do resultado final.

ANIMAR O MUNDO – EXPERIMENTAÇÃO, FORMAÇÃO E IMPULSO COLETIVO

CURADORIA CRISTIANA MIRANDA E LUCAS MURARI

ANIMANDO (1983), de Marcos Magalhães

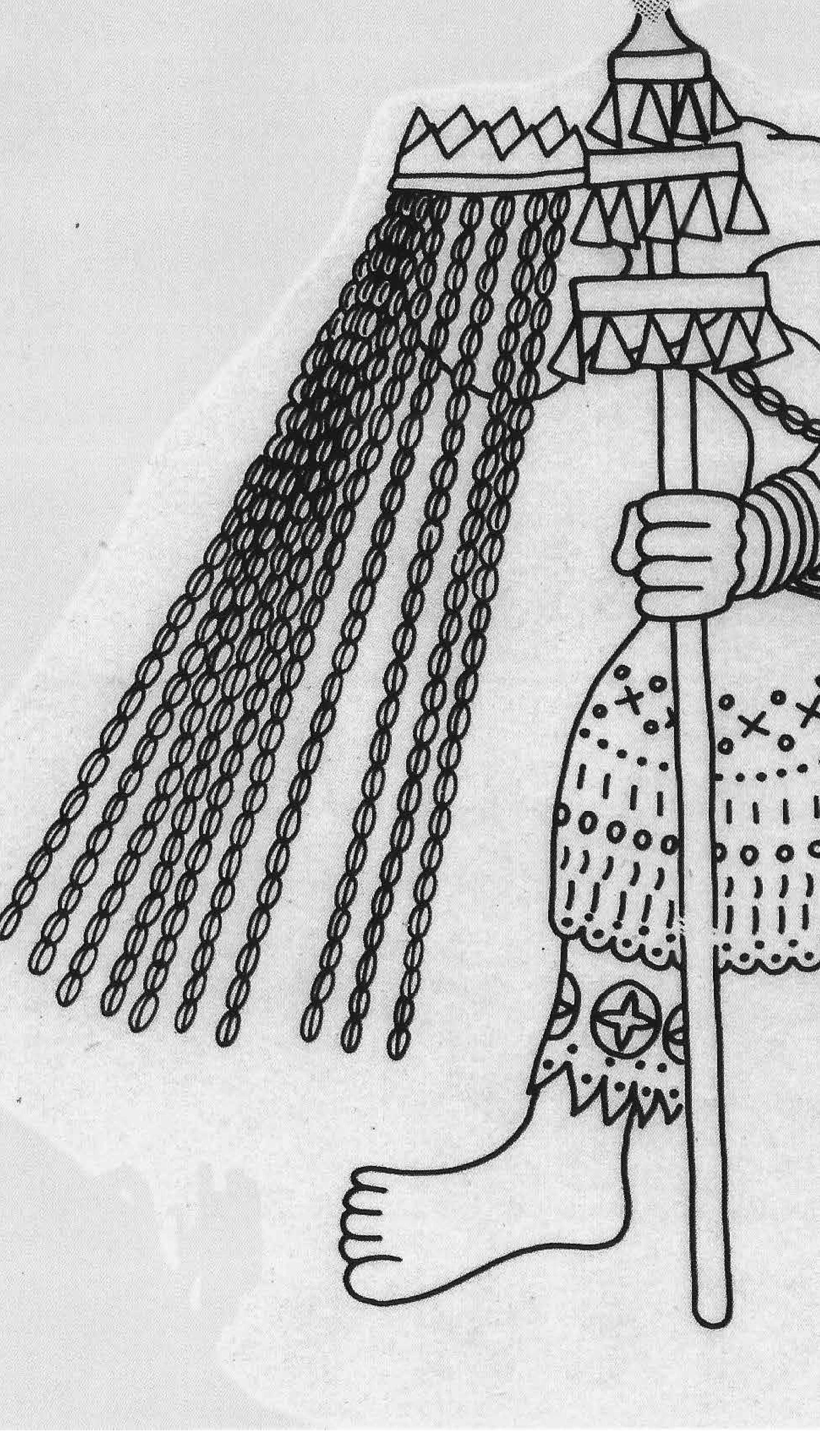
Um animador tentando encontrar a técnica ideal para dar vida a seu personagem. Neste passeio pelas diferentes formas de animar, criador e personagem terminam por se confundir.

PLANETA TERRA (1986), direção coletiva

No coração do Planeta Terra, no meio da floresta, um velho índio encontra alguém para compartilhar seu sonho. Planeta Terra é um sonho coletivo.

NOTURNO (1986), de Aída Queiroz

Cavalos fantasmas correm pela escuridão da noite, durante um sonho. Um estudo sobre o movimento destes animais, explorando principalmente o ritmo e a beleza plástica de suas formas.



INSTINTO ANIMAL (1986), de Léa Zagury

Um estudo dos movimentos de alguns animais, de um ponto de vista subjetivo, o que leva o espectador a sentir-se na pele de cada um deles (onça, macaco, cobra e gavião).

EVOLUZ (1986), de José Rodrigues Neto

Ao caminhar em uma praia, um indígena vê luzes que caem do céu e dão frutos luminosos. Ao comer deste fruto, ele embarca em uma viagem cósmica de descobertas pessoais.

ESTRELA DE OITO PONTAS (1996),

de Fernando Diniz e Marcos Magalhães

Fernando Diniz, artista plástico que se revelou dentro de um hospital psiquiátrico e se tornou um dos expoentes do Museu de Imagens do Inconsciente, utiliza-se do cinema de animação para traduzir seu universo pessoal.

ENTRE A PELÍCULA E O PIXEL,

O CORPO INSISTE

CURADORIA SÁVIO LEITE

O ÁTOMO BRINCALHÃO (1961), de Roberto Miller

Durante três anos Roberto Miller idealizou e aplicou os desenhos diretamente sobre os fotogramas, usando o sistema de seu mestre Norman McLaren. O filme mostra as aventuras de um átomo que é lançado ao espaço.

TOQUES (1975), de Jomard Muniz de Britto

Um dos primeiros filmes eróticos de Pernambuco. O diretor usa corpos andróginos fazendo movimentos corporais despidos ao ar livre e com referências às três graças, deusas gregas largamente representadas no renascimento.

CÉU SOBRE ÁGUA (1978), de José Agripino

de Paula e Maria Esther Stockler

Um ensaio sobre a luz e a cor, com foco na dimensão do sagrado. Através da valorização das formas, o filme integra arte e vida, tendo como eixo o corpo grávido e os movimentos da dançarina e coreógrafa Maria Esther Stockler.

A SITUAÇÃO (1978), de Geraldo Anhaia Mello

Vídeo-performance provocativa, o artista se propõe a repetir a mesma frase enquanto bebe 2 litros de cachaça.

GAROTO TRANSCODIFICADO

A PARTIR DE FOSFENO (2017-2018),

de Rodrigo Faustini

Um computador vê sem olhos, um algoritmo imagina. Enclausurado em fosfeno, material documental bruto desvela seu eu digital, regredindo à sua infância abstrata.

CUANDO TENGO COMIDA EM MIS MANOS

(2012), de Paulo Nazareth

O trabalho se insere na poética do artista que frequentemente aborda temas como a migração, a identidade, as relações raciais e a circulação de pessoas e bens nas Américas e na África.

PÁTIO (1959), de Glauber Rocha

Primeiro filme de Glauber. Num terraço de azulejos em forma de xadrez, vemos um rapaz e uma moça. Esses dois personagens evoluem lentamente: se tocam, rolam no chão, se distanciam, se olham.

MARCA REGISTRADA (1975), de Letícia Parente

A autora costura a sola do pé com uma agulha enfiada com linha preta. Borda a inscrição “MADE IN BRASIL”. O trabalho pretende a materialização da ideia de reificação da pessoa, fato característico da sociedade no momento histórico presente.

TROVOADA (1995), de Carlos Nader

Documentário sobre uma sensação do autor. Uma sensação que o autor consegue descrever apenas com o próprio documentário, uma trovoada noturna que produz a mais bela imagem da ação combinada do ritmo e do tempo.

PELE, INSCRITA — FILMES BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS PROCESSADOS À MÃO

CURADORIA TETSUYA MARUYAMA

WILD FLOWER (2025), de Moira Lacowicz

Wild Flower é uma peça expandida ainda em processo, originalmente projetado em bicanal, onde o processo e a conexão entre imagens conduzem o filme. Partindo de fitogramas delicados, transita por negativo de flores, paisagens subjetivas de praia, pescadores em seu cotidiano culminando no pulsar visceral de um coração.

CORPO DE ÁGUA/FLUXO CONFINADO (2022), de Helder Martinovsky

Uma massa de água aparece como nuvens pesadas, que caem sobre as montanhas e joram da terra na forma de nascentes, que se tornam rios. Eles seguem seu curso como um fluxo de energia organizado na harmonia de seu próprio caos.

CONSIDERE (2024), ♀

Bombas como fogos de artifício, o artifício da guerra televisionada em um céu suave e negro, perfurações de luz no veludo do filme para qualquer reflexão séria, o sideral.

LEMBRAREI DE LUCY



1960

LEMBRAREI DE LUCY (2022), de Maria Mion

O filme aborda a fragmentação da memória por meio de uma sequência de reproduções de uma fotografia utilizando diversas técnicas analógicas.

TRAÇOS SOBRE A NOITE (2025),

de Cristiana Miranda

Um filme de animação direta em 16mm inspirado na geometria tupinambá e nas formas da floresta. O filme propõe uma experiência lúdica que celebra o encanto primordial das imagens e a vertigem de existir.

BLEACH FARM (2023), de Lígia Teixeira,

Francisco Benvenuto

Um experimento fotoquímico em 16mm. Filme processado com eco-revelador feito de girassóis do campo, tingido e tonificado manualmente, com a intervenção de hipoclorito de sódio no filme.

TYPEFILM AN ARMORY SHOW (2022),

de João Reynaldo

Typefilm an Armory show é um filme-texto que tensiona durações de leitura. Seu título faz referência à exposição internacional de arte moderna Armory Show, inaugurada em Nova York (1913).

WALDEN STREET (2025), Duo Strangoscope

Um road movie suspenso no tempo, em que o olhar vagueia como um barco guiado pelas folhas contra o céu, reencontrando uma natureza ao mesmo tempo próxima e em extinção.

SEM TÍTULO (TRÊS LUAS) (2024),

de Tetsuya Maruyama

Uma lua, duas luas, três luas.

DEPOIS DOS VAGA-LUMES: O PENSAMENTO ECOLÓGICO EM QUATRO FILMES BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

CURADORIA ✿

DO CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ DO DESERTO

(2025), de Weyna Macedo, Lucas Parente, Adeciany Castro e Mariana Smith

Filmado em 16mm com película vencida descoberta em um depósito da Aeronáutica no Recife, o trabalho combina revelação caseira e finalização digital, criando uma fusão entre a decomposição química do material e a história natural da destruição.

CEMITÉRIO VERDE (2023), de Mauricio Chade

O filme conta a história de Lavina, aposentada que compra sua casa e, diante de um solo estéril, decide cultivar uma agrofloresta oferecendo cada muda a um ente querido.

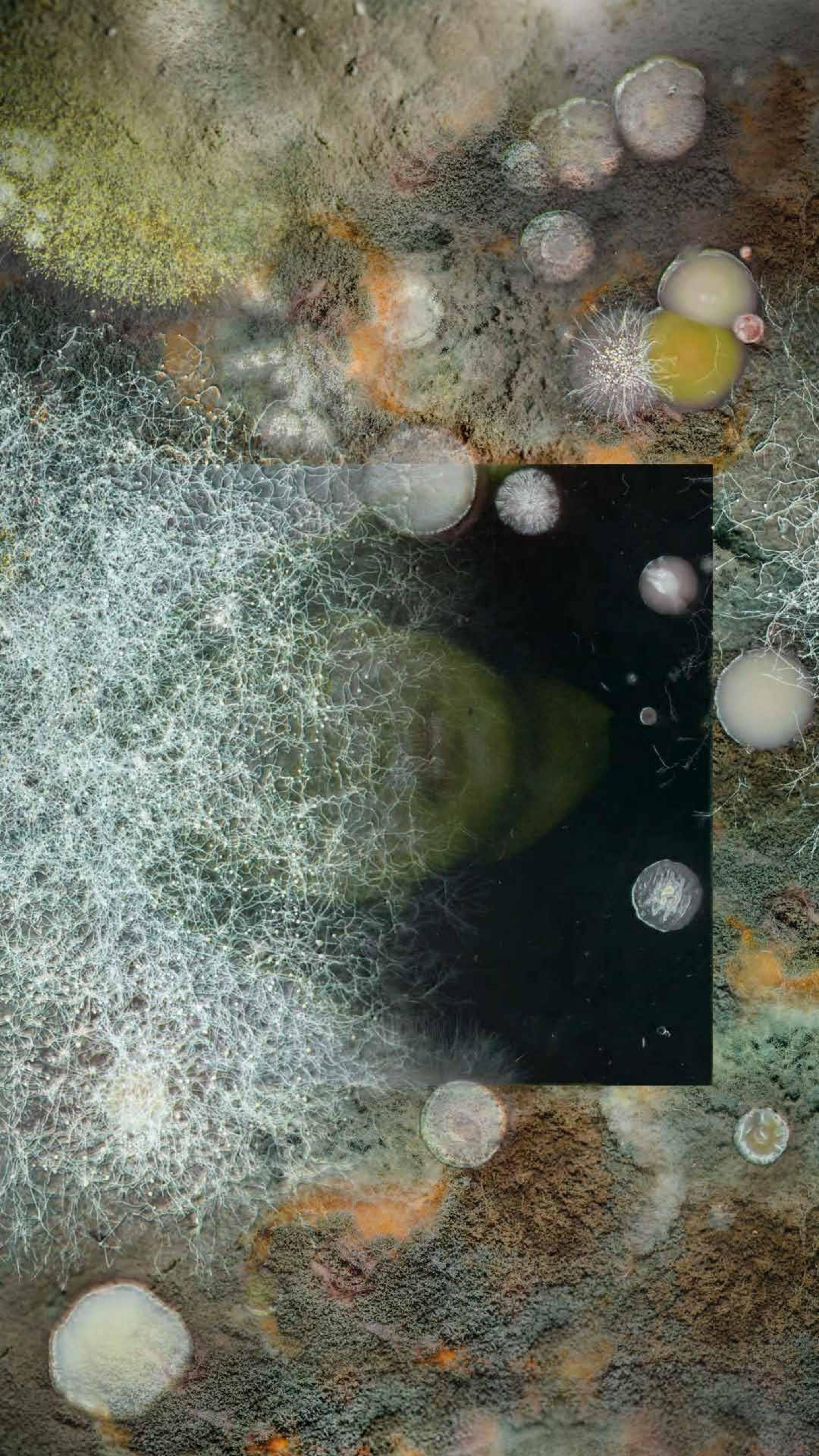
NAQUELE TEMPO TODOS ERAM GENTE (2016),

de Aline Baiana

Sandra Benites, Guarani-Ñandeva, narra a criação de Urutau, o pássaro imóvel que canta ao anoitecer como um lamento. Em paralelo, o filme relembraria José Urutau Guajajara, que permaneceu 26 horas preso a uma árvore durante o despejo violento da Aldeia Maracanã.

MEMBY (2020), de Rafael Castanheira Parrode

Num sonho, me encontrei com os ancestrais.



ENCRUZILHADAS DAS ÁGUAS, CAMINHOS PARA OS CINEMAS NEGROS BRASILEIROS

CURADORIA JANAÍNA OLIVEIRA

ALMA NO OLHO (1973), Zózimo Bulbul

Retratos do rosto, da boca e de partes de um corpo negro nu são o ponto de partida para uma jornada em direção a diferentes arquétipos e gestualidades. Por meio delas, o filme descreve a trajetória do negro desde a África mítica até à condição de escravizado pelo colonizador branco.

NOIRBLUE, DISPLACENTS

OF A DANCE, (2018), de Ana Pi

No continente africano, Ana Pi se reconecta às suas origens através do gesto coreográfico, engajando-se num experimento espaço-temporal que une o movimento tradicional ao contemporâneo.

SE O MAR TIVESSE VARANDAS (2017),

de Aline Motta

Se o mar tivesse varandas foi construído em torno de uma impossibilidade. Criando novos versos para um conhecido mote da quadra popular portuguesa, procurou-se subverter o seu sentido original. Com isso o trabalho deseja criar uma ponte de um extremo do Atlântico ao outro.

MAL DI MARE (2021), de João Vieira Torres

O filme-performance acompanha João Vieira Torres caminhando pela Bienal de Veneza com o celular na mão, expondo o white gaze no mundo da arte por meio de uma simples pergunta que ninguém ousa responder.

MAR DE DENTRO (2024), de Lia Letícia

O filme retrata a incansável insubmissão ao poder de Preto Sérgio e sua busca pela história do que não foi revelado, desamarrando os nós a partir dos bons ventos que o levam ao mar de fora e ao mar de dentro.

NÁUFRAGA (2018), de Juh Almeida

No batuque das ondas a mulher naufraga desemboca no mar suas memórias.

BLACKNESS = TIME ÷ MEDIA = ∞

(2021), de Márcio Cruz

Este filme-ensaio reflete sobre o continuum do cinema negro, da música e da performance, do ambiente natural e de outras formas de mídia para ativar meus/ nossos ancestrais e libertar a negritude que foi deliberadamente apagada.

QUANDO O MAR – CINEMA E POESIA

CURADORIA KÁTIA MACIEL

ULTRA-KINEMA-RINO (2025),

de Vicente de Mello

Toda imagem é fragmento. A imagem Átomo cian, é composta por retículas gráficas, uma roseta gráfica, resultante das telas serigráficas, esses pontos ampliados formam a imagem. Um farol Náutico é percebido na escuridão noturna dos mares e sua luz fulgás indica o que está por vir.

CARTA À FLORA (OU FILME AZUL),

Anna Costa e Silva

Penso em você quando vejo a agilidade dos peixes em cardume ou quando formas geométricas fazem desenhos n'água que desafiam completamente a nossa ideia do real.

SUITE BELLE-ÎLE, PRANAYAMA

(2007), de João Modé

O filme retrata o movimento do mar num mesmo local na maré alta e baixa.

SUITE BELLE-ÎLE, NUCA (2007), de João Modé

A relação do mar com uma rocha revelando e escondendo sua superfície escura.

ARPOADOR (2014), de Ana Costa Ribeiro

Antes de partir, minha mãe pediu que a levássemos ao Arpoador, área do Rio de Janeiro formada por uma grande pedra e pelo canto de uma praia.

ODA A MARX (2005), de André Vallias

Oda a Marx é um cinepoema de arquivo feito em homenagem ao poeta catalão Joan Brossa (1919-1996): videoversão de um poema visual homônimo dele de 1983, uma foto de mar ao lado da letra “X”; está legendado em catalão: “oda”= “ode”, “veu” = “voz”.

SEM TÍTULO #2 LA MER LARME (2009/2015),

de Carlos Adriano

O mar à vista de atualidades cinematográficas do século XIX (produzidas em 1891, 1895, 1897 e 1900, no Brasil, Estados Unidos, França e Inglaterra) e à escuta de uma canção lançada em 1946 (em francês e nas versões para o inglês, espanhol, holandês e italiano).



CINEMA EXPERIMENTAL DE REAPROPRIAÇÃO DE ARQUIVO NO BRASIL: UMA (IM)POSSÍVEL POÉTICA CONSTELADA (1897 / 2024)

CURADORIA CARLOS ADRIANO

[SEM TÍTULO] (1897), de Cunha Salles

Em 1897, Cunha Salles pediu a patente do cinema, anexando um filme de sua autoria. O curador do programa propõe que Cunha Salles se apropriou de filme alheio e o cinema brasileiro nasceu como found footage.

POEMA (1979), de Paulo Bruscky

Filme feito de ponta. Ponta que é o filme. No jargão técnico, pontas são as extremidades do rolo de filme, que antecedem e sucedem a porção principal da emulsão, a dos créditos e aquela a ser sensibilizada pela luz (no caso do negativo) e aquela já com a imagem gerada (no caso do positivo, a cópia).

YOU DON'T KNOW ME (2014), de Katia Maciel

Remixagem de uma sequência do filme *Vertigo* (1958, Alfred Hitchcock) com a música de Caetano Veloso (que dá título ao vídeo; a canção consta do disco *Transa*, de 1972). A letra do músico baiano parece fazer girar em inesperados laços e elos o enlevo do casal dirigido pelo cineasta britânico-americano.

A MISS E O DINOSAURO: BASTIDORES

DA BELAIR (2005), de Helena Ignez

Dado como perdido, *A miss e o dinossauro* foi o único super-8mm da legendaria produtora Belair (Helena Ignez, Julio Bressane, Rogério Sganzerla). Com trechos dos dois longas 16mm e alguns dos quatro 35mm produzidos em 1970, este resgate traz vozes e registros do cotidiano de sua comunidade underground.

MAR DE FOGO (2014), de Joel Pizzini

Com depoimentos de Mário Peixoto (O homem e o Limite, 1975 e O homem do Morcego, 1980 de Ruy Solberg), making of e trechos de seu único longa-metragem (Limite, 1930), o filme-ensaio aborda a gênese do clássico do cinema experimental latino-americano.

COMPLEMENTO NACIONAL (1978),

de Arlindo Machado

Montagem lacunar de matérias de cinejornais descartados por distribuidoras de filmes na Boca do Lixo paulistana. Imagens oficiais e ufanistas da ditadura militar brasileira desfilam, brutas e bruscas, entre a tela em branco, o silêncio e uma trilha sonora dissonante.

CIRCULADÔ (2007), de André Parente

Constelação de variações em torno do giro de sufistas (Decasia, 2002, Bill Morrison), Thelonious Monk (Straight no chaser, 1988, Charlotte Zwerin), monges (Francisco, arauto de Deus (1950, R. Rossellini), Édipo (Édipo rei, 1967, P. P. Pasolini) e Corisco (Deus e o diabo na terra do sol, 1963, Glauber Rocha).

ANO PASSADO EM MARINMARAISBAD

(2020), de André Vallias

Valendo-se de intervenções gráficas, *L'année dernière à Marienbad* (1961, Alain Resnais) transforma-se em flânerie fantasmagórica barroco-digital, ao som do compositor e gambista Marin Marais (1656-1728), com excertos de seu *Le labyrinthe (1717) e ses Danse organiques (part 4) (1971-1973)* de Luc Ferrari.

MÍTIA (2007), de Carlos Nader

Montagem livremente associativa de material noticiário e noticioso que marcou o mundo e que formou originalmente uma vídeo-instalação para a exposição de 50 anos da Rede Brasil Sul de televisão.

IDEOGRAMA (2024), de Julio Bressane

e Rodrigo Lima

Entre o achado e a charada, a proposição relacional de sequenciamento de filmes nacionais experimentais – Limite (1930, Mário Peixoto), Fada do Oriente (1972, Julio Bressane), A agonia (1976, Julio Bressane), Abismu (1977, Rogério Sganzerla).

JÁ VISTO JAMAIS VISTO (TRAILER) (2013),

de Andrea Tonacci e Cristina Amaral

Recuperação e reinstauração de filmes e vídeos em diversos suportes técnicos, apresentando registros de família e de amizades, de viagens e de paixões, de projetos de filmes esboçados e inacabados, ao longo de mais de 40 anos de atividade de Andrea Tonacci.

MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE:

UM OLHAR SOBRE O CINEMA

DE MULHERES BRASILEIRAS

CURADORIA LICIANE MAMEDE

CIDADÃO JATOBÁ (1987), de Maria Luiza Aboim

Jovens indígenas do Xingu aprendem com os mais velhos a construir a canoa de Jatobá, tradição quase perdida.

A MÃO DO PVO (1975), de Lygia Pape

Uma reflexão sobre o caminho percorrido pela arte popular, que, antes integrada ao cotidiano, foi gradualmente transformada em objeto decorativo.



MEMÓRIA GOITACÁ (1976), de Eloísa de Mattos e Paulo Sérgio Pestana

No litoral de Atafona, localizado no Estado do Rio de Janeiro, trabalho rural mistura-se e transforma-se em folguedos, brincadeiras e expressividades culturais.

QUEBRANTE (2024), de Janaína Wagner

As ruínas, as pedras e a fantasmagoria da Rodovia Transamazônica BR-230. Na pequena cidade de Rurópolis (PA) – a primeira a ser construída na Rodovia para servir de base aos trabalhadores que a construíram –, acompanhamos Dona Erismar, conhecida na região como “A Mulher das Cavernas”.

YAÕKWA - IMAGEM E MEMÓRIA (2020), de Rita Carelli e Vincent Carelli

O Vídeo nas Aldeias realizou com os índios Enawenê Nawê, durante quinze anos, extensos registros do Yaõkwa, seu mais longo ritual. Neste filme, outros quinze anos mais tarde, os Enawenê Nawê reencontram essas imagens.

AGUYJEVETE, AVAXI'I (2023), de Kerexu Martim
Uma celebração da retomada do plantio das variedades do milho tradicional do povo Guarani M'bya na aldeia Kalipety, onde antes havia uma área seca e degradada, consequência de décadas de monocultura de eucalipto.

ASSUMIR-SE VIADO, LÉSBICA, TRANS E DERIVA NO CINEMA BRASILEIRO

CURADORIA YANN BEAUVAIS

AMIZADES PARTICULARES (2020), de Laira Tenca

O filme conta a trajetória de Quitéria das Dores, uma freira que se apaixona por outra durante o noviciado. Na encruzilhada entre religião e sexualidade, o filme lança um olhar sobre a subjetividade da existência lésbica.

BALTAZAR DA LOMBA (1982),

do Grupo Nós Também

O filme apresenta Baltazar da Lomba, primeiro parabano investigado pela inquisição da Igreja Católica no século XVI. Embora baseado em documentos históricos, o filme é uma leitura livre sobre a resistência pela liberdade sexual no país.

SAIR DO ARMÁRIO (2018), de Marina Pontes

“Eu penso todo o tempo que se tivesse nascido muda, ou se tivesse mantido um juramento de silêncio toda minha vida, teria sofrido igual, e igualmente morreria.” Audre Lorde.

O BANHO (2012), de João Vieira Torres

Um rapaz despe, religiosamente, e dá um banho a um outro rapaz que, estranhamente permanece impassível, como morto, quando a vida dá uma volta.

BICHA BOMBA (2019), de Renan de Cillo

Este filme “não é capaz de vingar as mortes, redimir os sofrimentos, virar o jogo e mudar o mundo. Não há salvação. Isso aqui é uma barricada! Não uma bíblia.”

PRELÚDIO DE UMA MORTE

ANUNCIADA (1991), de Rafael França

Com “La Traviata”, na dramática interpretação da brasileira Bidu Sayão ao fundo, o corpo do artista toca o do namorado, Geraldo Rivello. Sobre eles, na tela, correm nomes de amigos mortos pela Aids.

EU QUERO UM BOY (2014), de Leona

O clipe é uma paródia de Todo Mundo, de Gaby Amarantos, feito originalmente para a promoção da Coca-Cola na Copa do Mundo de 2014. Ao colocar em cena o corpo de uma travesti negra, a paródia politiza temas como o flerte homossexual, o uso de preservativos e a reciclagem.

O NASCIMENTO DE URANA REMIX

(2020), de Jota Mombaça

O protagonista desta obra foge de uma força colonial, militante e autoritária, cavando profundamente na terra e, ao fazê-lo, inicia um processo material de transição para uma relação integrada com a própria matéria terrestre.

MADAME BAYEUX: OUTRA PAIXÃO

NACIONAL (1995), de Jomard Muniz de Britto

Segundo filme da trilogia Madame Bayeux, Jomard Muniz de Britto abandona o Super-8 e trabalha em VHS numa deriva entre João Pessoa e Recife, especialmente a boate do Barão.



CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL
Rua Primeiro de Março, 66 – Centro – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20100-000

ENTRADA GRATUITA
Retire seu ingresso na bilheteria ou no **site bb.com.br/cultura**
Terças, fechado; de quarta a segunda, de 9h às 20h

𝕏 x.com/ccbb_rj
ƒ facebook.com/ccbb.rj
⌚ instagram.com/ccbbrj
♪ tiktok.com/@ccbbcultura



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

